

EDITORIAL

Analúcia Danilevicz Pereira

Dezembro/2023

Os Estados africanos têm assumido posições cada vez mais significativas nas relações internacionais. O continente africano emerge como um espaço estratégico fundamental para as novas interações globais. Efetivamente, algumas lideranças e governos atuam em torno de projetos políticos que demonstram a necessidade de superar as amarras do “velho” e do “novo” neocolonialismo ocidental. Talvez um dos exemplos mais emblemáticos da relevância do continente tenha sido a inclusão da União Africana como membro permanente na cúpula do G20 em Nova Déli, na Índia, em setembro de 2023. Podemos afirmar que a organização apresentava sintomas de desgaste como espaço de discussão, dispondo apenas de apoio retórico aos países em desenvolvimento.

Entretanto, desde a crise financeira de 2008, o G20 retomou seu protagonismo como um importante espaço de discussão global pelas mãos das economias emergentes, reduzindo a capacidade impositiva do G7. As mudanças internacionais mais recentes, portanto, revelam os sintomas de fratura da ordem econômica internacional sustentada pelo “clube de elite”. É possível afirmar que uma nova clivagem internacional vem se desenhando e produzindo realinhamentos importantes que poderão ser observados no âmbito das organizações internacionais renovadas.

A entrada da União Africana no G20, defendida por importantes Estados que compõem o Sul geopolítico, foi formalizada sob a presidência brasileira. A adesão ao G20 dará à África um importante canal de comunicação e coordenação de políticas macrofinanceiras com as principais economias do mundo, além de representar uma nova oportunidade de estabelecer laços qualitativamente distintos com países que têm visto sua influência diminuir no continente, como França e EUA. Caberá, assim, à União Africana articular a consciência da importância econômica e política dos seus Estados. Novos polos de poder vêm trabalhando na perspectiva de um desenvolvimento

compartilhado, e os países africanos conquistaram novas condições na arena internacional.

O ingresso da União Africana como membro permanente se constituiu como um grande desafio para a organização. A UA precisará discutir e posicionar-se não apenas sobre questões africanas, mas também mundiais; deverá definir respostas políticas globais coordenadas aos desafios econômicos contemporâneos. Para tanto, a construção de uma agenda africana comum será a garantia para que o continente exerça o seu papel como um dos principais eixos de poder internacional. Recursos não faltarão.

O Número 16 da RBEA apresenta 9 artigos e uma resenha de africanistas do Brasil, Camarões, Gâmbia, Líbano, Moçambique, Nigéria e Uruguai. No artigo “Ressurgimento de golpes militares em África: a União Africana e as organizações regionais podem defender e consolidar a democracia?” Joshua O. Bolarinwa investiga a implementação da metodologia da União Africana no que respeita à utilização do mecanismo das Mudanças Inconstitucionais de Governo (*Unconstitutional Changes of Government*, UCG, na sigla em inglês), juntamente com outras métricas. Luqman Saka explora as relações franco-africanas e a evolução do envolvimento militar francês na África pós-colonial em “*Françafrique*: relações franco-africanas e engajamento militar francês na África pós-colonial”.

Em “O futuro da cooperação Japão-África: TICAD”, Habib Badawi apresenta a importância das relações nipo-africanas para a compreensão da estratégia japonesa na África, confirmando a diferença em relação a abordagem ocidental. Tatiana Raquel Reis Silva e Leandro Chaves Batista, no texto intitulado “Atlantismo em manutenção: um balanço da parceria entre Brasil e Cabo Verde durante os governos Dilma Rousseff (2011-2016)”, buscam analisar as principais ações de cooperação e de diplomacia entre o Brasil e os países do continente africano, com destaque para o arquipélago de Cabo Verde.

No artigo “Governo, Estado e guerras nacionais em África”, Nathaly Silva Xavier Schutz e Hernán Olmedo González discutem em que medida a existência de guerras nacionais nos Estados africanos, desde o final da Segunda Guerra Mundial até 2015, foi condicionada pelos níveis de enraizamento governamental e pelos níveis de “estatalidade”. Já no texto de Jean-Marie Kasonga Mbombo, Examinando a força regional da Comunidade da África Oriental nos Kivus: outro caso teste das ‘soluções africanas para problemas

africanos’, com base no Tratado e Protocolos da Comunidade, o autor avalia a disposição regional em se transformar em uma força de intervenção.

Felipe André Angst Hermenegildo Alberto Machoi, autores do artigo *A problemática dos Reassentamentos: uma revisão de literatura*, analisam os problemas dos reassentamentos involuntários provocados por projetos de desenvolvimento, discutem os impactos econômicos, sociais e ambientais para as comunidades envolvidas e prospectam soluções. Tendo ainda Moçambique como tema, Jose Alejandro Sebastian Barrios Diaz examina a formação histórica do país com base no processo de colonização e identifica marcos históricos na conformação da ação colonizadora portuguesa até a primeira metade do século XX em *A invenção de Moçambique: dos impérios africanos à colônia e província ultramarina*. Por fim, no artigo “*Bu/Mbengkas Rice Cooperative Society Limited e a economia de Laimbwe (Camarões), 1973-2014*”, Therence Kefih Kai e Henry Kam Kah examinam a Sociedade Cooperativa de Arroz de Bu/Mbengkas Limitada (BMRCS Ltd) relativo à sustentabilidade viva de Bu e Mbengkas, o povo falante de Laimbwe das Divisões de Menchum e Boyo no noroeste dos Camarões. Segundo os autores, a sociedade cooperativa levou a mudanças socioeconômicas, especialmente em Bu, mas não em Mbengkas. Este Número ainda conta com a resenha da obra “*Breve Historia del Sahara Occidental*”, de Isaías Barreñada, por Adriano Alberto Smolarek.

A RBEA publica versão eletrônica bilíngue em português e em inglês. Assim, esperamos a contribuição de colegas do Brasil e do exterior, com os quais pretendemos estabelecer vínculos para o aprofundamento do conhecimento e a construção de uma visão do Sul sobre o continente africano e das relações com eles.

Agradecemos à Assistente de Edição, Mariana Vitola, e o apoio de Gabriela Bonness, Henrique Moura, Isabella Cruzichi, Lucca Medeiros, Rafaela Serpa e Vinícius Baldissera. Agradecemos, também, à equipe do CEBRAFRICA, que trabalhou na revisão e tradução dos artigos.